

APRESENTAÇÃO

Este segundo número do volume dezenove da *Revista do GEL* apresenta dez novos artigos e uma resenha crítica. Nesses onze estudos, são discutidas diferentes materializações do fenômeno linguístico por meio de análises diversas.

Em “Syntactic alignment and identification of theta-role subgroups in Mehináku stative verbs”, Paulo Henrique de Felipe apresenta uma primeira análise do alinhamento sintático na língua Mehináku (Arawak), a fim de evidenciar o comportamento dessa língua em termos de seus diferentes predicados verbais e dos argumentos que estes predicados tomam.

No texto “Pandemia e memória discursiva da violência de Estado. Apontamentos sobre a demanda de verdade e de responsabilização”, Adrián Pablo Fanjul, com base no quadro teórico-metodológico da análise materialista do discurso, parte da hipótese de que, pelos alcances letais da pandemia de covid-19 no Brasil, as formulações de exigência de responsabilização do poder público são atravessadas por uma memória discursiva de lutas anteriores por justiça contra agentes da violência de estado na América Latina. O autor identifica traços dessa relação interdiscursiva em depoimentos de familiares organizados e em manifestações públicas de outros agrupamentos.

O artigo “Entoação gramatical e afetiva: comparação entre pessoas com esquizofrenia e entre os gêneros sexuais”, de Waldemar Ferreira Netto, Marcus Vinicius Moreira Martins, Ana Aparecida Jorge, Juan Costa Carreiro e Mariana Nitzschke Padilha, analisa a denominada prosódia afetiva e gramatical com base no modelo do aplicativo ExProsodia. Para isso, os autores extraem parâmetros relacionados à produção dessa prosódia e comparam os resultados obtidos entre sujeitos com esquizofrenia e os sujeitos do grupo controle, estes divididos pela variável autodeclarada gênero (masculino e feminino).

Mudada a perspectiva para ecologia linguística e crioulização, Thomas Finbow, em “The nature and emergence of the *Língua Geral Amazônica* according to Mufwene’s Language Ecology model”, aborda dois aspectos da língua geral amazônica (LGA). Primeiro, propõe que o termo técnico em português “língua geral” foi inspirado pelas práticas administrativas nas colônias da América espanhola e que, dado seu uso contemporâneo, deveria ser entendido de modo funcional como qualquer variedade tupi-guarani mutuamente compreensível com o Tupi Antigo colonial, antes que uma variedade que tenha sofrido certa modificação estrutural ou que tenha se tornado a norma de determinado grupo étnico ou social, como outros pesquisadores já defenderam.

A seguir, analisa duas hipóteses recentes que tratam o surgimento da LGA como crioulização (VIEIRA; ZANOLI; MODOLO, 2019; ARGOLO, 2019).

Amanda Jorge e Vanessa Giacchini, no artigo “Aquisição fonológica: descrição dos dados de fala de crianças com desenvolvimento típico”, caracterizam a aquisição fonológica típica em crianças residentes na cidade de Natal (RN). Entende-se como aquisição fonológica típica aquela com padrão de desenvolvimento ocorrido de maneira não linear, com regressões de uso e influenciada por fatores biológicos e ambientais. Há poucos estudos sobre essa temática na região Nordeste do Brasil, especificamente na cidade de Natal (RN).

A etimologia de um mineral é o tema da reflexão “Sobre a etimologia de malacacheta”. Os autores Bruno Oliveira Maroneze, Mário Eduardo Viaro, Daniel Atencio e Marcelo Módolo revisitam a etimologia dessa palavra, nome genérico de diversos minerais, que muitos dicionários tratam como sinônimo de “mica”. Com base em dados coletados em textos de épocas anteriores, aventam duas hipóteses: uma nova, de que o vocábulo é cognato de “marcassita”, nomenclatura de outro mineral que pode ter sido confundido com a malacacheta; e outra de que a palavra é relacionada ao nome do povo indígena Maxakali, que habita certas regiões do estado de Minas Gerais. A hipótese nova torna-se a mais provável, haja vista “marcassita” ser forma divergente de “*marcaxeta”, portanto com o mesmo étimo árabe. Da forma hipotética “*marcaxeta” viriam “marcacheta”, “maracaxeta” e a forma atual “malacacheta”, referindo-se a diversos tipos de minerais (atualmente denominados de “talco”, “micas” e “muscovita”), enquanto o antigo sentido genérico de “marcassita” se especificou.

Na sequência, em “Sintaxe histórica do infinitivo português: a oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo”, Marcos Martinho confronta duas construções portuguesas: a de verbo causativo ou sensitivo e a de verbo declarativo ou opinativo com nome/pronome e infinitivo. Primeiro, procura mostrar, à luz da gramática sincrônica, duas diferenças entre as construções: que o nome/pronome e infinitivo constituem oração (subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo) na segunda construção, mas não na primeira; e que, quando se emprega pronome pessoal, este apresenta forma reta na segunda construção e oblíqua na primeira. Em seguida, o autor investiga, à luz da gramática diacrônica, as causas dessas diferenças, que têm suas raízes no latim. Finalmente, ilustra o uso de ambas as construções em nove textos portugueses elaborados entre os séculos XIII e XVI.

“A importância da (re)escrita orientada para a apropriação da escrita acadêmica na universidade”, de Sibely Oliveira Silva, discute a importância da (re)escrita orientada na universidade e objetiva descrever as implicações da reescrita textual na e para a apropriação da escrita acadêmica.

No penúltimo artigo, “A escrita e a leitura infantil: efeitos do outro/Outro na travessia da criança pela aquisição da linguagem escrita”, Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho discute a escrita e a leitura infantil, recortando-se o efeito do outro (alteridade) e do Outro (alteridade radical) na travessia da criança pela aquisição da linguagem escrita. Nesse sentido, esse estudo filia-se ao interacionismo em aquisição de linguagem, conforme proposição da pesquisadora brasileira Cláudia de Lemos, que, fundamentada na linguística estruturalista de base europeia e na psicanálise lacaniana, concebe a aquisição de linguagem como consequente à mudança de posição da criança em relação ao outro, à língua e à própria criança.

Arrematando a sequência de artigos, há “‘Ele me chamou de comedor de burrito’: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos”, de Fernanda Vieira da Rocha Silveira e Gabriella dos Santos Ferreira. Esse artigo aborda a xenofobia nas interações comunicacionais entre estadunidenses e imigrantes latinos nos Estados Unidos por meio da impolidez no discurso e analisa sua influência na ameaça à face desse grupo de imigrantes.

Finalizamos esse número com o texto “E, por falar em ciência: resenha crítica de ‘Como uma língua funciona?’” de Luisandro Mendes de Souza, elaborado por Clóvis Luiz Alonso Júnior.

Esses trabalhos – reunidos e dispostos em ordem alfabética pelo último sobrenome do autor (ou do primeiro autor) no corpo da revista, salvo a resenha que segue no final do volume – apontam para diferentes vertentes do pensamento acerca da linguagem e dialogam com linhas de pesquisa constantemente presentes nos dezoito volumes da *Revista do GEL* já publicados. Reiteram, também, o compromisso com a diversidade e a qualidade do pensamento acadêmico em nossos campos de estudo, sendo, portanto, índices de caminhos já trilhados e, ao mesmo tempo, potencialmente produtivos para o desenvolvimento de investigações que contribuam para a construção de um pensamento, em todos os sentidos, inovador e revigorante.

Mais uma vez, agradeço à Letraria e a todos os seus colaboradores, a Milton Bortoleto – nosso auxiliar editorial –, aos autores e aos pareceristas, cujos ânimo e contínua resistência têm dado prosseguimento a este importante projeto científico.

Excelente leitura a todos!

Marcelo Módolo,
Editor da *Revista do GEL*.

São Paulo, 23 de maio de 2023.